

Anexo 5

A cidade de São Paulo: padrões de desigualdade sociodemográfica

1. Revisitando os estudos sobre São Paulo

Nossa pesquisa tem como lócus a cidade de São Paulo. Na medida em que conhecemos outros estudos sociológicos recentes com objetos empíricos e temáticas similares, percebemos que não poderíamos avançar sem que tivéssemos um conhecimento aprofundado da cidade. A nosso ver, isso é fundamental para que possamos ajustar os instrumentos de pesquisa e escolher os procedimentos metodológicos adequadamente. Além disso, há muito tempo, nas ciências sociais, há um entendimento de que o espaço físico (por exemplo, o de uma cidade, de uma escola ou de uma casa) é uma construção social, a objetivação de relações sociais passadas e presentes e que materializa, ainda que de modo imperfeito, as lutas entre os agentes em torno da apropriação dos bens e das oportunidades para acessá-los.

Como argumenta Pierre Bourdieu, o espaço social – entendido como um conjunto de posições sociais relativas definidas em função da estrutura de distribuição dos capitais relevantes em dado universo social – tende a se objetivar no espaço físico, “sob a forma da distribuição espacial dos agentes e de suas propriedades”. O espaço físico, portanto, nada mais é do que o espaço social fisicamente realizado, que, por sua vez, apresenta-se como uma “distribuição de diferentes espécies de bens e serviços e também de agentes individuais e grupos fisicamente localizados... e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e serviços mais ou menos importantes (em função de seu capital, e também

da distância física em relação a esses bens, a qual também depende de seu capital).” (2013, p. 136)¹

Partindo das premissas de que o espaço físico (no caso, o território da cidade) é uma “estrutura social em estado objetivado” e de que não é possível explicar e compreender as práticas dos agentes sem considerar suas posições e localizações nesse espaço físico apropriado e hierarquizado, resolvemos, em um primeiro momento, revisitar alguns estudos da cidade de São Paulo (e, mais amplamente, da região metropolitana da qual ela faz parte), para, em seguida, produzirmos uma classificação tipológica preliminar dos domicílios e suas famílias que nos servisse de base para a ulterior construção dos procedimentos metodológicos visando à apreensão dos processos distintivos no campo das classes sociais.

A cidade de São Paulo e sua região metropolitana expressam, conforme argumenta Moya, “toda a complexidade dos processos de mudança social que constituíram a sociedade urbano-industrial brasileira, e que resultaram em crescente diferenciação e uma estrutura social, ocupacional e espacial bastante heterogênea, marcada pela pobreza e por profundas desigualdades.” (p. 25)²

São Paulo tem uma população projetada (a partir dos dados do Censo de 2010) de mais de 12 milhões de habitantes (correspondente a aproximadamente 5,8% da população nacional), que se distribuem de modo desigual pelo território, concentrando-se em suas

¹ BOURDIEU, Pierre (2013). “Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado”. *Novos Estudos Cebrap*, 27 (79), p. 133-144

² MOYA, Maria Encarnación. “Os estudos sobre a cidade: quarenta anos de mudança nos olhares sobre a cidade e o social”. In: KOWARICK, Lúcio; MARQUES, Eduardo. *São Paulo: novos percursos e atores*. Sociedade, cultura e política. São Paulo, Editora 34, 2011.

franjas norte, leste e sul. A cidade concentra 10,62% do PIB nacional, equivalente a 4305 municípios.³

Rica, dinâmica, marcada por profundas desigualdades. Há alguns anos, as pesquisas realizadas pela Rede Nossa São Paulo fornecem indícios das múltiplas dimensões dessas desigualdades. Só para ficarmos em alguns exemplos: enquanto a renda média familiar mensal da cidade de São Paulo corresponde a pouco mais de R\$ 4,7 mil, esse valor é mais do que o dobro no distrito de Alto Pinheiros (R\$ 9591,93) e 44% menor em Lajeado (R\$ 2628,63).⁴ Enquanto no Jardim São Luiz, quase 70% dos domicílios estão localizados em favelas, essa proporção é nula em distritos como Alto de Pinheiros, Consolação ou Bela Vista.⁵ No que se refere à educação, a situação não é melhor: enquanto que, em distritos como Jardim Paulista e Consolação, a proporção de indivíduos com ensino superior (em relação à população total) é maior do que 60%, ela não passa dos 5% em Parelheiros, São Rafael ou Perus.⁶

Tais características fizeram da cidade de São Paulo e de sua região metropolitana um objeto privilegiado de investigação empírica, especialmente a partir dos anos 1970, a partir de diversos enfoques teóricos e metodológicos (MOYA, 2011). Contrariamente às teses mais otimistas da “teoria da modernização” ou do desenvolvimentismo cepalino, que conferiam ao processo de industrialização um dinamismo capaz de fazer superar os obstáculos ao desenvolvimento social e econômico, essas análises iniciais, inspiradas pelo marxismo estruturalista, entendiam que a marginalidade era o resultado de um “modo

³ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26397-pib-da-cidade-de-sao-paulo-equivale-a-soma-de-4-305-municipios-brasileiros>.

⁴ Dados referentes a 2017.

⁵ Dados referentes a 2019. <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Mapa-da-Desigualdade-2020-TABELAS-1.pdf>

⁶ A média da cidade é de pouco mais de 17%. Os dados se referem ao ano de 2017.

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/info_cidade/educacao/index.php?p=260272

específico de inserção” de uma economia dependente no processo de reprodução global do capitalismo (idem, p. 26).⁷ Desse processo, não resultava uma dualidade estrutural, mas, ao invés, uma formação social em que o velho e o novo, o atrasado e o moderno se alimentavam mutuamente: a reprodução de um setor de serviços de baixíssima produtividade e de inúmeras atividades de subsistência contribuía para rebaixar o custo da mão-de-obra empregada nos setores modernos da indústria.⁸ Também contribuía para esse processo a prática da autoconstrução da casa própria em loteamentos periféricos, o que acabou gerando um padrão de segregação das classes populares que foi considerado, durante muito tempo, o principal “fator de estruturação do espaço urbano” (idem, p. 28).

Tal padrão de segregação social baseava-se no modelo centro-periferia: o centro que concentrava os segmentos populacionais com níveis mais elevados de renda e de educação, com amplo acesso a serviços culturais, educacionais e de lazer, em oposição à periferia caracterizada pela presença de grupos socialmente vulneráveis, destituídos dos capitais relevantes nos principais mercados de concorrência social, com acesso precário a serviços públicos, moradia, lazer. Conceitos como o de “espoliação urbana” (KOWARICK, 1979) buscavam apreender esse conjunto de privações que caracterizavam as condições de existência de amplos segmentos das classes populares na cidade de São Paulo, em grande medida migrantes atraídos, especialmente ao longo das décadas de 1960 e 1970, pelo pujante crescimento industrial que transformou profundamente a estrutura social local, ampliando a presença dos operários urbanos e dos estratos médios vinculados à indústria, ao comércio e aos serviços.

⁷ Cf. KOWARICK, Lúcio (1975). *Capitalismo e marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; PEREIRA, Luiz (1970). *Ensaio de Sociologia do Desenvolvimento*. São Paulo, Livraria Pioneira.

⁸ OLIVEIRA, Francisco (2003). *Crítica à razão dualista / O ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo, 2003 (a crítica à razão dualista é um artigo originalmente publicado em 1972, na revista *Novos Estudos*).

A partir dos anos 2000, serão construídos novos enquadramentos teóricos e metodológicos com o objetivo de investigar as possíveis mudanças nos padrões de desigualdade e pobreza, sobretudo o da segregação socioespacial. A cidade de São Paulo e sua região metropolitana haviam passado por profundas transformações, entre elas, a forte queda do crescimento demográfico e a reversão dos fluxos migratórios (em direção a cidades do interior ou àquelas que compõem as franjas periféricas da região metropolitana)⁹, a crise econômica dos anos 1980 seguida pela reestruturação produtiva dos anos 1990, com suas consequências sobre a estrutura ocupacional; melhorias na infraestrutura urbana (fruto, em grande medida, das pressões dos movimentos sociais) que, como consequência, contribuíram para a elevação do preço dos terrenos e expulsão dos mais pobres. Que efeitos esses processos tiveram sobre a estrutura social e sobre a estrutura socioespacial? Esta é a grande questão de fundo que se colocaram os estudos a partir de então.

Quanto às mudanças na estrutura social, havia um diálogo explícito com as teses derivadas do chamado “paradigma das cidades globais”, segundo as quais “a globalização estaria levando a uma dualização e uma polarização da estrutura de classes, com a emergência de espaços de autosegregação dos ricos...” (MOYA, 2011, p. 34).¹⁰ Um estudo conduzido por Marques, Barbosa e Prates (2015) propõe uma interpretação distinta: a desindustrialização – com a consequente perda de importantes contingentes de

⁹ O município de SP teve saldos migratórios líquidos negativos a partir da década de 1990. Em menor medida, o mesmo ocorreu na região metropolitana. Quanto às taxas de crescimento, o município apresentou uma taxa média anual de 0,88 entre 1991 e 2000, e de 0,76 entre 2001 e 2010, contra 3,58 e 1,15 nas décadas de 1970 e 1980, respectivamente.

Cf. BAENINGER, Rosana. “Crescimento da população na Região Metropolitana de São Paulo: desconstruindo mitos do século XX”. In: KOWARICK, Lúcio; MARQUES, Eduardo (orgs.) São Paulo: novos percursos e atores. Sociedade, cultura e política. São Paulo, Editora 34, 2011; CUNHA, José Marcos Pinto da. “Dinâmica demográfica e migratória 1991-2010: realidade e mitos”. In: MARQUES, Eduardo. *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. São Paulo, Editora UNESP, 2015.

¹⁰ A principal referência teórica aqui são as pesquisas de Saskia Sassen.

operários industriais – foi acompanhada por uma ampliação dos serviços e funções vinculadas à atividade industrial. Esses processos causaram um incremento na participação relativa de profissionais (aqueles que possuem ocupações de alto nível, que geralmente requerem credenciais de ensino superior), e uma diminuição das posições de trabalhadores manuais qualificados e não qualificados, embora tais agregados ocupacionais continuem sendo amplamente predominantes (incluindo quase 50% da população empregada). Ao final do período, os manuais não qualificados e os não manuais de rotina de nível baixo (por exemplo, trabalhadores do comércio) se encontram em iguais proporções, o que revela transformações na parte de baixo da estrutura social. Tais mudanças apontam numa direção bastante diferente daquela prevista pelas hipóteses da polarização estrutural ou da profissionalização da estrutura ocupacional.

Quanto às mudanças no padrão de segregação socioespacial, os principais estudos chegam a conclusões similares: as classes sociais superiores continuam a viver em bairros com melhores condições urbanas, localizados, em grande medida, na região do centro expandido da cidade de São Paulo ou em regiões próximas;¹¹ a periferia, no entanto, mostra-se mais heterogênea, tanto em termos socioeconômicos quanto em termos de infraestrutura e de condições urbanas. Melhor, então, falar em *periferias*: há espaços periféricos mais consolidados, com melhores condições estruturais, com a presença de estratos médios e maior verticalização e há espaços de expansão e ocupação mais recentes, geralmente ainda mais distantes do centro, com piores condições de acesso à moradia e a equipamentos públicos (BÓGUS; PASTERNAK, 2019; MARQUES, 2015; REQUENA; GODOY; SARUE, 2015; ROLNIK; FRÚGOLI, 2011). De fato, há boas evidências empíricas indicando que a cidade de São Paulo permanece fortemente

¹¹ Esse é um padrão que se reproduz a despeito da emergência de “enclaves” em regiões afastadas do centro expandido, como o bairro de Alphaville.

segregada, sobretudo em relação às classes superiores. Os espaços por elas ocupados são socialmente exclusivos ou homogêneos – e há mesmo uma tendência de reprodução desse padrão excludente que alguns classificam como de “evitação social” ou de “autossegregação” das elites (MARQUES, 2015; CALDEIRA, 2000) –, enquanto as classes médias e populares coabitam espaços mais frequentemente. Em suma, como sintetiza MOYA, “por ainda se reconhecer a velha dinâmica de crescimento da cidade, o padrão centro-periferia não parece ter se esgotado, mas a capacidade do modelo enquanto instrumento analítico e heurístico tornou-se limitada por ocultar outras configurações e dinâmicas urbanas.” (p. 37)

2. A construção dos mapas socioespaciais

A partir do conhecimento obtido com a leitura dos estudos recentes sobre as mudanças nos padrões de desigualdade na cidade de São Paulo, entendemos que seria importante construirmos nossos próprios mapas da desigualdade socioespacial a partir das indagações que norteiam a presente pesquisa. A construção dos mapas foi orientada pela preocupação em operacionalizar a noção de espaço social, central à abordagem bourdieusiana, que se refere ao conjunto de posições relacionalmente definidas em função da distribuição dos recursos socialmente eficazes em uma formação social (no caso das sociedades capitalistas, os capitais econômico, cultural e social). Os mapas são uma espécie de representação gráfica do espaço social da cidade de São Paulo ou, em outros termos, constituem uma tentativa de apreender o espaço social objetivado. Há duas diferenças principais em relação aos procedimentos adotados pelos estudos que apresentamos anteriormente:

- i) Enquanto, naqueles estudos, a classificação tipológica incide sobre os espaços (setores censitários, áreas de ponderação ou distritos), a partir

das características da população residente e/ou das condições infraestruturais, nossa estratégia é classificar os domicílios a partir da observação das principais oposições quanto à distribuição dos capitais econômico e cultural possuídos pelos indivíduos e famílias. Uma vez feita tal classificação, produzimos mapas da cidade que nos mostram a concentração espacial dos diferentes tipos de domicílios;¹²

ii) Usamos um procedimento distinto para operacionalizar o conceito de classe social. Nos estudos antes comentados, geralmente utiliza-se o esquema de classe denominado por EGP (letras que correspondem às iniciais de seus formuladores: Robert Erikson, John Goldthorpe e Lucienne Portocarero), que diferencia as posições de classe com base em relações de emprego. Há dois problemas aqui: este é um esquema que opera dedutivamente, ou seja, delimitam-se as fronteiras objetivas de classe a partir de um critério teórico definido *a priori*. Diferentemente, a noção bourdieusiana de classe opera com um conceito probabilístico de classe, a “classe no papel”, que corresponde, como já discutimos, a posições vizinhas no espaço social definidas relacionalmente com conforme a distribuição dos capitais entre os agentes. Essas posições se diferenciam em termos de volume do capital global, da composição do capital e da modalidade de apropriação do capital (trajetória). Em comparação com a anterior, baseada no esquema EGP, a abordagem bourdieusiana opera *indutivamente*. A

¹² Para todos os efeitos práticos, um domicílio equivale quase sempre a uma família. No censo do IBGE, um domicílio é definido a partir de dois critérios: separação e independência. Uma família corresponde a um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, ou a uma pessoa que more sozinha em uma unidade domiciliar. No censo de 2010, em 93,7% dos domicílios, havia apenas uma única família. Como o censo é uma pesquisa domiciliar, ou seja, trata-se de uma coleta de dados referentes aos domicílios, optamos por utilizar o domicílio, e não a família, como unidade de análise para a construção tipológica e, então, para o georreferenciamento.

vantagem por adotar essa estratégia operacional consiste em apreender possíveis oposições ou contrastes entre os agentes conforme a composição do capital, por exemplo.

Para a construção dos mapas socioespaciais, optamos por utilizar a base de dados da amostra do censo, referente à cidade de São Paulo. Para a coleta dos dados do censo, uma parte dos domicílios é escolhida aleatoriamente para aplicação de um questionário mais longo. Nas cidades maiores, como São Paulo, essa amostra corresponde a aproximadamente 5% dos domicílios. A amostra resultante, com a qual trabalhamos, tem mais de 176 mil domicílios. Desta, foram excluídos 54536 domicílios por não haver informação sobre a ocupação da pessoa de referência ou do cônjuge. A amostra final incluiu 118.200 domicílios.

A partir do questionário da amostra do censo, escolhemos algumas questões que nos permitissem construir indicadores de capital econômico e cultural para operacionalizar a noção de espaço social. Tais questões se referem ao número de cômodos na residência que servem como dormitório (indicador do tamanho da residência e do grau de conforto dos moradores); ao número de banheiros (indicador do tamanho da residência e também de renda familiar, em função da elevada correlação entre essas variáveis); renda familiar *per capita* em salários mínimos; escolaridade máxima no domicílio (indicador de capital cultural, que considera a maior escolaridade da pessoa responsável e/ou do cônjuge); posse de automóveis para uso particular, e de computador com acesso à internet na residência (indicadores de patrimônio); situação do domicílio (se próprio, alugado ou cedido, igualmente um indicador de patrimônio); recebimento por algum morador de benefícios oriundos de políticas de transferência de renda ou de rendimentos resultantes de aplicações financeiras (indicadores, respectivamente, de vulnerabilidade social e da

posse de riqueza financeira), e, por fim, o agregado ocupacional do domicílio (que considera a posição ocupacional da pessoa responsável pelo domicílio e, quando inexistente, a do cônjuge).¹³ Os agregados ocupacionais, construídos a partir de uma classificação prévia das ocupações considerando sua natureza manual ou não manual, o nível de conhecimento/especialização tipicamente exigido para exercê-las, a posição hierárquica e a relação com os meios de produção, são os seguintes: médios empregadores (seis empregados ou mais), pequenos empregadores (1 a 5 empregados), quadros superiores (dirigentes, diretores, altos executivos de empresas privadas ou públicas), quadros médios (gerentes, supervisores), profissionais (tipicamente os que têm profissões, ou seja, ocupações que exigem credenciais de ensino superior, como médicos, economistas, engenheiros, advogados, sociólogos etc.), técnicos (trabalhadores com qualificação de nível médio), trabalhadores não manuais de rotina (tipicamente trabalhadores de escritório), trabalhadores manuais qualificados e não qualificados, trabalhadores por conta própria formais¹⁴ e informais.¹⁵

A técnica empregada para operacionalizar o espaço social da cidade de São Paulo consiste na combinação entre a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) e a Análise de Classificação Hierárquica (ACH). A primeira nos possibilita apreender os contrastes na distribuição das propriedades entre os agentes; a segunda, construir uma classificação tipológica (no caso, tipos de domicílios) a partir das oposições anteriormente observadas. A ACM é basicamente uma ferramenta exploratória ou descritiva de análise

¹³ Todas as variáveis foram transformadas em categóricas, ou seja, com um número finito de categorias.

¹⁴ Essa diferenciação entre “formais” e “informais” não é direta, mas foi validada por análises secundárias dos dados. Os trabalhadores por conta própria “formais” são os que pagam INSS. Partiu-se aqui da premissa de que os trabalhadores que fazem contribuições para a previdência social provavelmente também são formalizados (ou seja, pagam impostos para o exercício das funções, como o imposto sobre serviços). Análises secundárias evidenciaram que os trabalhadores “formais” têm resultados consistentemente melhores nos indicadores antes mencionados do que os “informais”, ou seja, os que não fazem contribuição previdenciária.

¹⁵ A tabela contendo a frequência relativa e as contribuições das variáveis ativas para os quatro primeiros eixos pode ser visualizada no anexo.

multivariada, cuja principal característica consiste em representar visualmente, em termos de proximidades/distâncias relativas entre pontos num plano fatorial formado por dois eixos, as relações entre as linhas e as colunas de uma tabela de dados de N indivíduos por Q variáveis. Quanto mais duas categorias caracterizarem o mesmo “indivíduo” (utilizo aqui o termo em um sentido estatístico), mais próximas estarão no plano fatorial, assim como quanto mais dois indivíduos forem caracterizados pelas mesmas categorias, mais próximos estarão nesse plano. A construção da tipologia utilizando os resultados da ACM permite construir agrupamentos (*clusters*) de “indivíduos” que são relativamente homogêneos em termos das categorias incluídas na análise.

Inicialmente, definimos o número de eixos que serão interpretados, em função de dois critérios principais: a proporção da variância dos dados “explicada” por cada um deles, e a possibilidade de interpretação teórica. No presente caso, decidimos reter 4 eixos para interpretação e, por isso, faremos a descrição dos contrastes ou oposições em três planos fatoriais distintos, formados pelo cruzamento dos eixos 1 x 2, 1 x 3 e, por fim, 1 x 4. Para descrever as oposições em cada eixo, consideram-se as localizações das categorias com contribuições acima da média para cada eixo (ver tabela 1 abaixo).¹⁶

Tabela 1 – Informações sobre a variância do eixo (autovalor), proporção da variância e proporção corrigida segundo a taxa de Benzécri:

Eixo	Autovalor (variância do eixo)	% da variância explicada	Taxa modificada de Benzécri (%)
1	0,368	12,7	90,0

¹⁶ Para uma explicação detalhada das técnicas e suas combinações, ver BERTONCELO, Edison. “O uso da Análise de Correspondências Múltiplas nas Ciências Sociais: possibilidades de aplicação e exemplos empíricos”. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st16-7/10296-o-uso-da-analise-de-correspondencias-multiplas-nas-ciencias-sociais-possibilidades-de-aplicacao-e-exemplos-empiricos/file>.

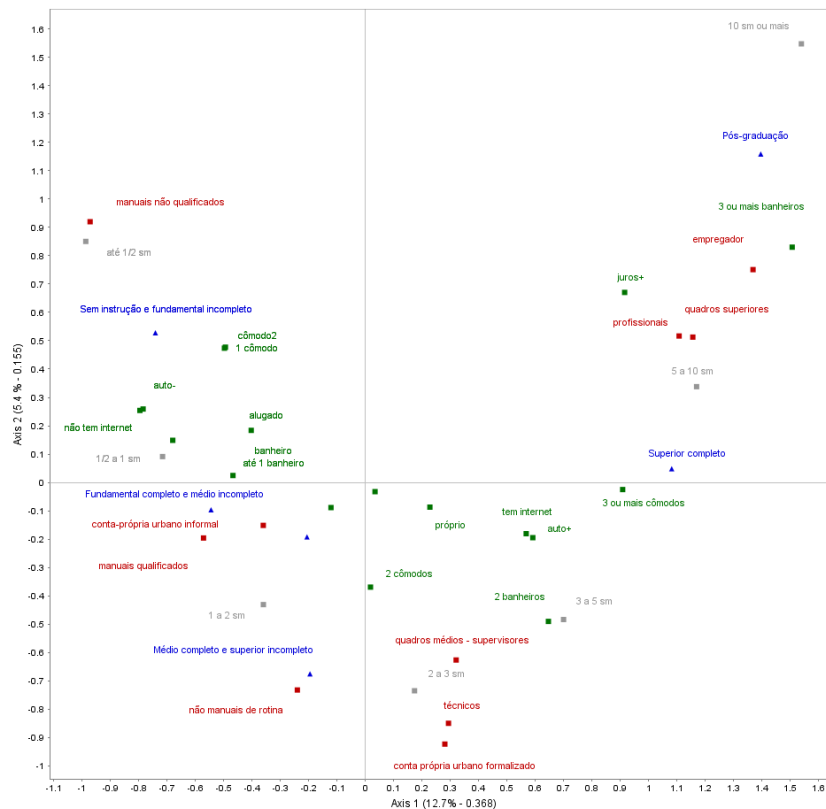
2	0,155	5,4	4,9
3	0,136	4,7	2,4
4	0,118	4,1	0,9
5	0,111	3,8	0,5

A observação do plano fatorial exibido na figura abaixo indica um formato de distribuição das modalidades das variáveis ativas que se assemelha a uma “ferradura”. Em casos desse tipo, há uma forte indicação de *unidimensionalidade*, o que significa que as principais oposições nos dados se referem a diferenças no volume das propriedades mensuradas, ou seja, aspectos da distribuição dos capitais econômico e cultural entre os domicílios: enquanto o primeiro eixo opõe as categorias que indicam maior e menor volume de capital, o segundo eixo opõe aquelas que indicam posições intermediárias na estrutura de distribuição, de um lado, e modalidades referentes a posições extremas nessa estrutura, de outro.¹⁷ É possível, em casos desse tipo, fazer uma interpretação global do plano fatorial (o mais comum é que a interpretação seja feita para cada eixo separadamente), além de ser aconselhável considerar outros eixos ainda que a proporção da variância global “explicada” por eles seja relativamente pequena.¹⁸

Figura 1 – Plano fatorial formado pelos eixos 1 e 2, exibindo as modalidades que mais contribuem para o primeiro e o segundo eixos:

¹⁷ Na verdade, esse é um resultado esperado. O questionário do censo não foi desenhado para captar diferenciações sociologicamente mais pertinentes, como aquelas referentes aos diferentes estados do capital cultural (exemplos: tipo de escola onde estudou ou estuda, quantidade de livros possuídos), diferentes tipos de capital econômico (exemplo: propriedade de casas secundárias, renda de aluguel) ou mesmo – e isso parece o mais relevante – diferentes modalidades de apropriação do capital (trajetórias sociais). Além disso, uma parte importante das variáveis é categórica de tipo ordinal (escolaridade, renda, número de banheiros, cômodos) e a ACM tende a produzir nuvens de categorias com esse formato quando há muitas variáveis desse tipo. Quando resultados desse tipo ocorrem, é importante atentar para os demais eixos da ACM, para além do plano principal formado pelos eixos 1 e 2, ainda que as proporções da variância “explicada” sejam baixas.

¹⁸ A taxa modificada de Benzécri é geralmente utilizada para classificar os eixos em termos de sua pertinência para a “explicação” dos dados. Isso porque ela corrige os resultados originais da ACM, que tendem a subestimar a importância dos eixos iniciais. Se considerássemos apenas as taxas de Benzécri e sua proporção acumulada, poderíamos incluir 1 ou, no máximo, dois eixos.



No quadrante superior à esquerda, estão as modalidades que indicam a *destituição das propriedades* mensuradas pelas variáveis incluídas na análise: ausência de veículo ou de computador conectado à internet, renda domiciliar *per capita* baixa (no máximo, 1 salário mínimo), baixa escolaridade máxima alcançada pela pessoa responsável e/ou cônjuge (fundamental incompleto ou sem instrução), domicílios cedidos ou alugados com, no máximo, 1 cômodo servindo de dormitório e 1 banheiro, chefiados por trabalhadores manuais não qualificados. No quadrante localizado no lado oposto, na região superior à direita, estão as modalidades que indicam, ao contrário, o controle ou a apropriação desses recursos: renda domiciliar elevada (mais do que 5 salários mínimos per capita), elevada escolaridade (superior ou pós), domicílios maiores (com 3 ou mais cômodos e com 3 ou mais banheiros), chefiados por profissionais, médios ou pequenos empregadores, ou por quadros superiores. Interessante notar que a posição da categoria

“pós-graduação” em relação à categoria “superior completo”: a localização mais elevada da primeira evidência não apenas que se trata de *uma propriedade socialmente mais rara*, mas também que define mais precisamente as posições de profissionais, médios empregadores e quadros superiores. Nos quadrantes inferiores, da esquerda para a direita, temos os valores médios na estrutura de distribuição dessas propriedades em ordem crescente: o quadrante inferior à esquerda reúne as categorias dos trabalhadores manuais qualificados, de trabalhadores por conta própria e de trabalhadores não manuais de rotina, indicando que tais categorias se assemelham quanto à posição relativa nessa estrutura de distribuição dos capitais; no quadrante inferior à direita, estão as categorias dos técnicos e dos quadros médios, onde também estão localizadas as categorias que indicam renda domiciliar *per capita* entre 3 e 5 salários mínimos, domicílios próprios com 2 banheiros e 2 cômodos, com computador conectado à internet e veículo próprio.¹⁹

Por sua vez, o terceiro eixo (figura 2) evidencia algumas oposições baseadas em características do domicílio, na escolaridade máxima e no agregado ocupacional dos agentes. São ao todo 14 categorias com contribuição acima da média para o eixo. Na região inferior do eixo, estão as categorias de profissionais e de trabalhadores não-manuais de rotina, com, pelo menos, o ensino médio completo, vivendo em domicílios alugados com 1 cômodo e 1 banheiro. A sobreposição das modalidades suplementares referentes aos distritos de São Paulo indica que domicílios com tais características estão concentrados na região central da cidade de São Paulo: Bom Retiro, Brás, República, Sé (no quadrante inferior à direita), Bela Vista, Consolação, Liberdade, Santa Cecília etc.

¹⁹ A localização relativa das categorias que indicam a posse de veículo ou computador com acesso à internet revela que tais propriedades não são rigorosamente “distintivas”, na medida em que são comuns às categorias localizadas à direita do primeiro eixo. Ou seja, se quisermos apreender se a posse de veículos é socialmente distintiva, seria importante termos questões adicionais, referentes, por exemplo, à quantidade de veículos, tipo de veículo etc. Argumentos similares valem para a propriedade de computador e para a prática de acesso à internet: quantos computadores, como se dá o acesso à internet (tipo e velocidade do acesso), conteúdos consumidos etc.

(no quadrante inferior à esquerda).²⁰ É provável que encontremos nesses distritos frações socialmente ascendentes de meios populares, que “escolhem” morar em regiões centrais da cidade, em função da melhor infraestrutura e maior oferta de serviços públicos e privados de lazer e transporte.²¹

Diferentemente, na região superior do terceiro eixo, temos dois quadrantes com características bem distintas, mas que se opõem em relação à região inferior em função de uma característica bem definida: a propriedade do domicílio. No quadrante superior à direita, estão as categorias que indicam a existência de domicílios com 2 banheiros e 3 ou mais cômodos, chefiados por trabalhadores por conta própria “capitalizados”; no quadrante superior à esquerda, estão os domicílios caracterizados por alta vulnerabilidade social: chefiados por trabalhadores por conta própria “informais” ou por manuais não qualificados, destituídos quase completamente de capital econômico e cultural, e com residentes beneficiários de programas de transferência de renda. A sobreposição das categorias referentes aos distritos evidencia que tais domicílios estão, sobretudo, nos distritos de Marsilac, Parelheiros, Grajaú, São Rafael, Jardim Helena etc. (distritos localizados predominantemente nas franjas leste e sul da cidade).

Figura 2 – Plano fatorial formado pelos eixos 1 e 3, exibindo as modalidades que mais contribuem para o terceiro eixo:

²⁰ Tais distritos são os que possuem as maiores proporções relativas de domicílios alugados.

²¹ A ausência de informações de mobilidade social não possibilita investigar essa hipótese com os dados do Censo.

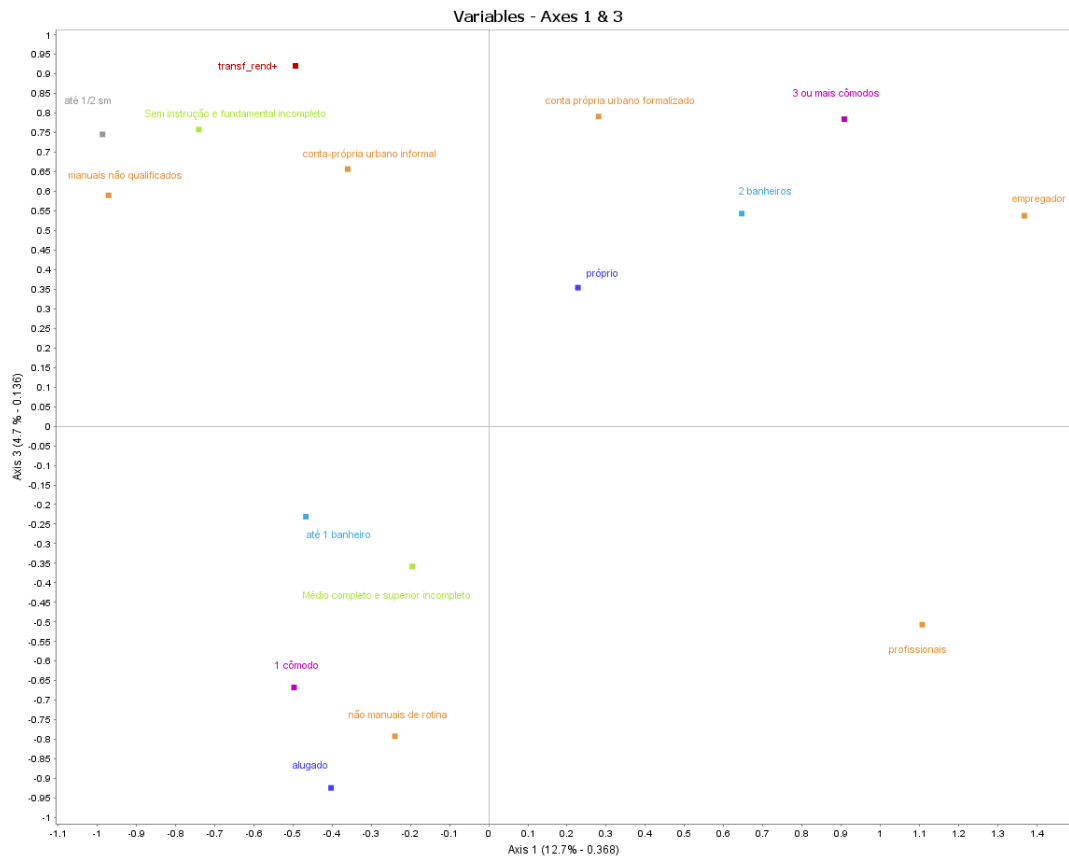
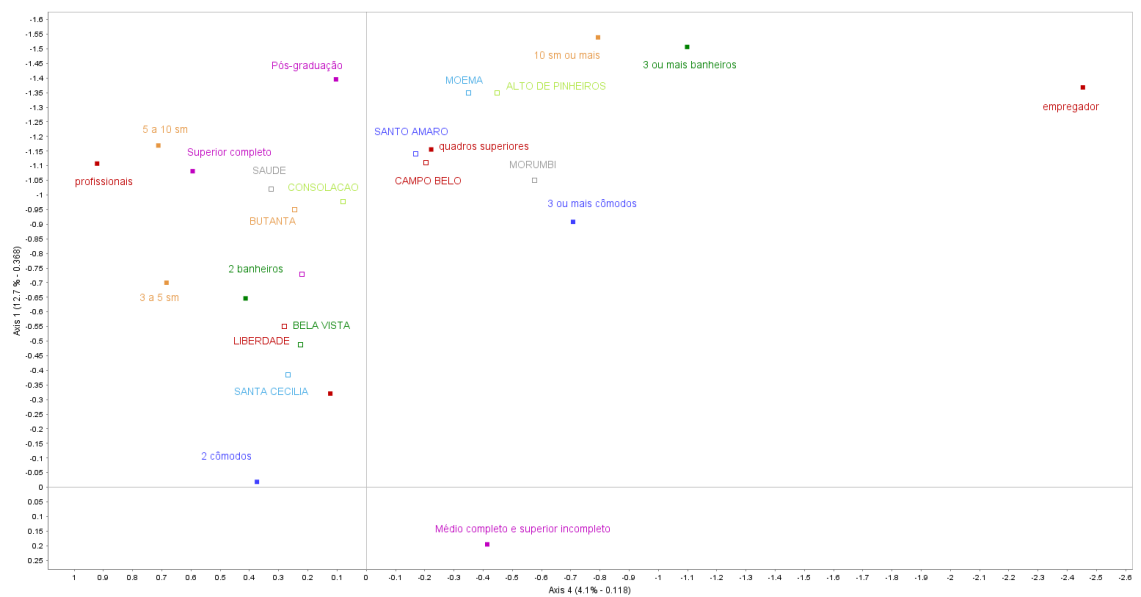


Figura 3 – Plano fatorial formado pelos eixos 1 e 4, exibindo as modalidades que mais contribuem para o quarto eixo:



Por fim, no quarto eixo, há 11 categorias com contribuição acima da média para a variância do eixo, com destaque para duas modalidades da variável “agregado ocupacional”, que são os empregadores médios e pequenos, de um lado, e os profissionais, de outro. Este eixo é estruturado por um contraste entre essas duas frações de classe, assemelhando-se a uma oposição baseada na composição do capital, ou seja, entre uma fração relativamente rica em capital cultural e outra, relativamente rica em capital econômico. Como podemos observar na figura 4 (acima), estão as categorias dos empregadores médios e pequenos, com renda domiciliar *per capita* bastante elevada (10 salários mínimos ou mais), ensino médio completo ou superior incompleto (escolaridade máxima), vivendo em domicílios com 3 ou mais banheiros e 3 ou mais cômodos. Do outro lado, estão os profissionais, com ensino superior completo, vivendo em domicílios com 2 banheiros e 2 cômodos, com renda domiciliar *per capita* relativamente menor. Essa diferenciação interna às classes superiores se expressa também em termos socioespaciais. Quando são sobrepostas as categorias referentes aos distritos paulistanos, percebemos que os domicílios à direita do eixo estão concentrados em distritos como Alto de Pinheiro, Campo Belo, Moema, Morumbi e Santo Amaro. Distritos como Morumbi, Moema e Alto de Pinheiros têm as maiores proporções relativas de médios empregadores, respectivamente: 10,2 % (proporção que se eleva a 13,5% se considerarmos também os pequenos empregadores), 9,3% e 8,9%. Do outro lado, estão distritos como Bela Vista, Butantã, Campo Grande, Consolação, Liberdade, Santa Cecília, Saúde. Distritos como Consolação, Butantã e Bela Vista têm uma elevada proporção relativa de profissionais, respectivamente, 53,4%, 44,8% e 36,9%, mas relativamente baixa de empregadores médios (respectivamente, 4,3%, 3,1% e 2,1%). Ou seja, há algumas diferenças importantes entre os distritos do chamado centro expandido que merecem ser investigadas mais detidamente.

Uma vez feita a descrição dos eixos, passamos agora à construção da tipologia dos domicílios. O procedimento consiste em combinar a ACM com uma análise de *cluster*, mais especificamente, a análise de classificação hierárquica. A ACH inicia-se com um número de classes ou agrupamentos que corresponde ao total de casos; a cada iteração (ou etapa de agrupamento), os casos (e classes de casos) vão sendo agrupados – segundo um critério de agregação qualquer – em função de suas similaridades até que todos sejam agregados numa única classe ou agrupamento.

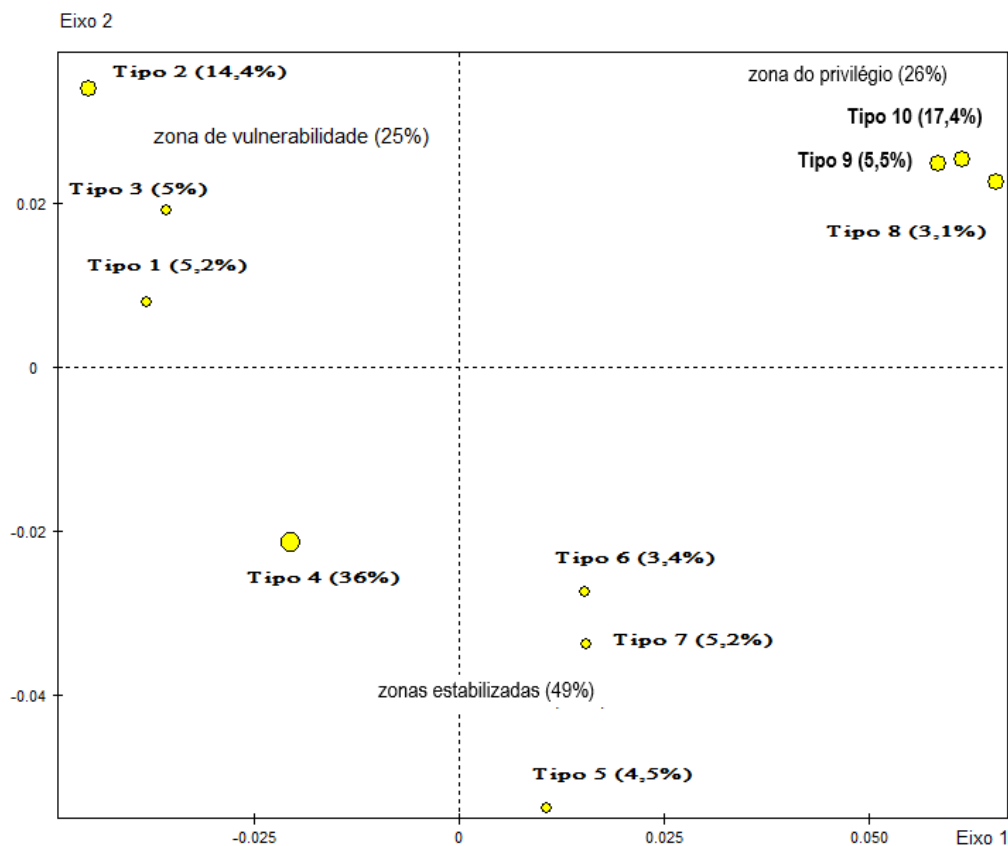
Quando combinada com a ACM, a ACH geralmente busca agrupar os casos de modo a minimizar a *variância intraclasse* (homogeneidade interna) e maximizar a *variância entreclasse* (heterogeneidade externa). Para isso, emprega-se geralmente o método de *Ward*. As coordenadas dos indivíduos em *todos os eixos* da ACM são usadas como *inputs*: as distâncias entre os indivíduos na nuvem euclidiana são a base para a classificação e a construção de tipos. No início, quando os casos constituem classes de 1 elemento (ou seja, cada caso é um *cluster*), toda a variância é de tipo *entreclasse*. A cada passo da agregação, os casos (e, depois, as classes) vão sendo incluídos em classes ou agrupamentos maiores, de modo a manter tão elevada quanto possível a variância entreclasse. Ao utilizar o método *Ward*, cada etapa de agregação resulta em um aumento da variância intraclasse e, no fim, toda variância é desse tipo (pois há apenas um agrupamento). Essa informação é fundamental para se determinar quantos agrupamentos devem ser retidos para interpretação (pois geralmente o número de classes não é definido de antemão). A observação do aumento do *eta ao quadrado* (calculado a partir da divisão da variância entreclasse pela variância total) ao passarmos de uma solução com n *clusters* para outra com $n+1$ *clusters* é um dos fatores que devem ser considerados na tomada dessa decisão.

Idealmente, é importante termos uma solução com agrupamentos relativamente homogêneos e bem diferentes entre si, ou seja, com variância entreclasse elevada e baixa variância intraclasse (portanto, um *eta* ao quadrado relativamente elevado). Nem sempre esse é um resultado possível de obter, sobretudo nas ciências sociais, em que geralmente temos à mão dados produzidos a partir de técnicas baseadas na observação (com pouco ou nenhum controle sobre a composição dos grupos observados), o que significa que a variância intraclasse (a heterogeneidade interna) é geralmente alta. Em suma, a questão sobre quantos agrupamentos reter pode ser assim resumida: “busca-se um ajuste entre o número de classes – preferencialmente pequeno – e a proporção explicada da variância – preferencialmente elevada... O procedimento é encerrado quando se alcança um grau de fineza para além do qual a continuidade da subdivisão das classes não produz elevação apreciável e/ou interpretável da variância.” (Le ROUX; ROUANET, 2004, p. 114)

Em função dos critérios antes discutidos, optamos por uma partição em 10 classes ou agrupamentos, que, no presente caso, correspondem a tipos de domicílios classificados conforme as variáveis incluídas na ACM. Esses dez tipos de domicílios correspondem a três “zonas”²² do espaço social. Essa noção fica mais clara quando inserimos os agrupamentos nos planos fatoriais antes descritos. Na figura 4 (abaixo), sobreposmos as categorias dos diferentes agrupamentos no espaço formado pelo cruzamento dos eixos 1 e 2.

Figura 4 – Distribuição dos tipos de domicílio no plano formado pelos eixos 1 e 2:

²² O termo aqui é empregado metaforicamente, para sugerir demarcações em função da distância ou proximidade relativas de diferentes tipos de domicílios no espaço social da cidade de São Paulo.



Na chamada “zona” de vulnerabilidade, identificamos três tipos de domicílios, que representam aproximadamente **25% do total** de domicílios da amostra:²³

- i) A principal característica que diferencia este **primeiro tipo** – que representa 5,23% dos domicílios da cidade – é a condição de ocupação do domicílio: cedido por empregador ou terceiros. São domicílios pequenos, geralmente com até 1 banheiro e 1 cômodo (que serve de dormitório) e sem alvenaria. São chefiados por trabalhadores manuais menos qualificados, predominantemente pretos ou pardos, com baixa escolaridade (ensino fundamental incompleto). A renda domiciliar *per capita* é bastante baixa

²³ As imagens resultantes do georrefenciamento dos tipos de domicílio na cidade de São Paulo estão no final do texto.

(até 1 salário mínimo). Em tais domicílio, que tendem a ter grande densidade de moradores (seis ou mais), há uma presença elevada de jovens (até 24 anos) e baixa presença de idosos (65 anos ou mais). Estes domicílios se concentram especialmente nos distritos de Marsilac e Cidade Líder, onde representam, respectiva, 19,2% e 10,4%. Notemos de passagem que a maior parte das regiões mais extremas possuem proporções acima da média desse tipo de domicílio;

- ii) Os domicílios do **segundo tipo**, que abrange 14,4% do total, têm características similares, em termos da densidade de ocupação, da presença relativamente elevada de moradores jovens, pelos níveis relativamente baixos de renda total e escolaridade máxima chefe e/ou do cônjuge, e também pelo modo de inserção no mercado de trabalho: trabalhadores manuais pouco qualificados, pretos e pardos. As características diferenciadoras em relação aos domicílios do primeiro tipo estão na situação do domicílio, que é geralmente uma casa alugada, e na chefia. Tais domicílios tendem a ser mais frequentemente chefiados por mulheres, trabalhadoras manuais não qualificadas, com filhos sem cônjuge. Estão concentrados nos distritos localizados nas franjas periféricas ao norte, como nos distritos de Brasilândia e Perus (com, respectivamente, 25,6% e 27,4%), ao sul, como nos distritos de Capão Redondo, Jardim Ângela e Parelheiros (respectivamente, 25,4%, 32,9% e 36,2%) e ao leste, como nos distritos de Guaianases, Jardim Helena e Lajeado (respectivamente, 25,6%, 32,9% e 31,2%);
- iii) O **terceiro tipo** de domicílio, que inclui aproximadamente 5% do total, tem características também parecidas com os tipos anteriores: a renda per capita

domiciliar é ainda menor (há uma maior proporção de domicílios cuja renda per capita é de até $\frac{1}{2}$ salário-mínimo); há também elevada presença de jovens e de moradores por domicílio; a chefia feminina sem cônjuge é igualmente uma característica importante, assim como a quantidade de filhos (em 44% dos domicílios desse tipo, há três ou mais filhos). Sua característica diferenciadora é a existência de beneficiários de políticas de transferência de renda: todos os domicílios aqui têm algum beneficiário de programas desse tipo contra pouco mais de 6% na amostra. Os distritos localizados nas franjas da zona leste têm geralmente proporções acima da média desse tipo de domicílio, como, por exemplo, Cidade Tiradentes (10,6%), Grajau (9,9%), Guaianases (9,9%), Iguatemi (10,6%), Jardim Helena (10,6%) etc. O distrito que possui a maior proporção relativa desse tipo de domicílio é Marsilac (20,2%).

A seguir, descrevemos “zonas” marcadas por relativa estabilidade das condições de existência objetiva. Há quatro tipos de domicílios que representam quase metade dos domicílios na amostra. São eles:

- i) O **quarto tipo** de domicílio que descrevemos inclui quase 36% do total de domicílios. Há uma presença relativamente elevada de trabalhadores manuais qualificados e de trabalhadores não-manuais de rotina entre os responsáveis pelo domicílio. A renda domiciliar *per capita* é relativamente mais elevada que nos domicílios anteriormente descritos: há uma proporção maior em que a renda está entre dois e três salários-mínimos. A escolaridade máxima do chefe e/ou do cônjuge é também maior, alcançando o ensino médio completo. A propriedade da casa é também mais comum aqui, embora a proporção de domicílios alugados seja também relativamente alta (32,5% dos casos contra

26,3% na amostra). As residências também parecem ser um pouco maiores: há uma maior proporção de domicílios, neste tipo do que nos anteriormente descritos, com 2 cômodos servindo como dormitório. Por fim, em comparação com os tipos anteriores, os domicílios aqui têm uma quantidade menor de moradores e de jovens. Os domicílios deste tipo estão também concentrados na periferia, mas em regiões mais próximas ao centro, como os distritos de Anhanguera (48,1%), Aricanduva (47,3%), Artur Alvim (54,2%), Cangaíba (52,5%), Freguesia do Ó (45,6%), Itaquera (44%), Pedreira (43,4%), Penha (47,2%), Ponte Rasa (47,8%), Raposo Tavares (44,3%), Sacomã (43,8%), Tremembé (45,5%) etc. Há também distritos na região central que concentram domicílios desse tipo, como os distritos do Brás (52,5%), República (41%) e Sé (43,9%).

- ii) O **quinto tipo** inclui uma proporção bem menor de domicílios, aproximadamente 4,5% do total. Uma de suas principais características reside na chefia do domicílio por trabalhadores por conta própria “formais” (fração da pequena burguesia relativamente menos capitalizada). Há uma proporção maior de casas próprias com 2 banheiros e com 2 ou mais cômodos servindo de dormitório. Os domicílios também parecem mais equipados: há a presença relativamente mais elevada de veículos e de computadores com acesso à internet. A renda *per capita* domiciliar está mais frequentemente entre 3 e 5 salários-mínimos e a escolaridade máxima do chefe e/ou cônjuge alcança o ensino médio completo. Os domicílios deste tipo também estão concentrados em regiões periféricas relativamente mais próximas ao centro, como Carrão (5,5%), na zona leste, Vila Medeiros (5,2%), na zona norte, Raposo Tavares (5,2%), na zona oeste;

- iii) O **sexto tipo** de domicílio tem, como o anterior, um peso relativamente pequeno na estrutura socioespacial da cidade, correspondente a quase 3,5% do total. São domicílios chefiados por quadros médios ou supervisores, geralmente apartamentos próprios, com 2 banheiros e, pelo menos, 2 dormitórios. Há também maior presença de computador com acesso à internet e de automóvel. A renda domiciliar *per capita* ultrapassa os cinco salários mínimos em uma proporção significativa dos domicílios, assim como a escolaridade superior da pessoa responsável e/ou do cônjuge. Há também uma presença relativamente elevada de brancos e de casais sem filhos ou com, no máximo, 1 filho. A proporção de migrantes é pequena, assim como de moradores, sobretudo de jovens, nos domicílios. Há proporções acima da média desse tipo de domicílio em distritos centrais como o Brás (3,6%), ou em distritos próximos às regiões centrais, como Carrão (3,5%), Freguesia do Ó (3,4%), Mooca (4,1%) e Vila Leopoldina (4,6%);
- iv) Por fim, o **sétimo tipo** (último nesta “zona”), que inclui cerca de 5,2% da amostra, tem características parecidas com os anteriores, com a diferença de ter como pessoa responsável um(a) trabalhador(a) com qualificação técnica (de nível médio). Há uma proporção elevada de famílias unipessoais ou de casais sem filhos e de brancos, vivendo em domicílios com 2 banheiros e 2 cômodos, sendo relativamente comum o apartamento próprio. A renda domiciliar *per capita* é um pouco mais baixa do que no tipo anterior (entre 3 e 5 salários mínimos), assim como a escolaridade máxima (há uma proporção menor de domicílios em que a escolaridade máxima alcança o ensino superior completo, ainda que acima da média amostral). Esse tipo de domicílio é relativamente mais frequente em distritos próximos às regiões centrais, como

em Artur Alvim (6,1%) e na Barra Funda (5,8%), e em distritos centrais, como no Brás (6,1%) e na República (5,9%).

Passemos, a seguir, a descrever os últimos três tipos de domicílios incluídos no que denominamos de “zona do privilégio”.

- i) O **oitavo tipo** tem, como os últimos descritos, um peso relativamente diminuto, pois corresponde a 3,1% do total. Inclui uma parte significativa dos empregadores (pequenos e médios), residindo em domicílios próprios, frequentemente apartamentos (57,8% contra 29,9% na amostra), com três ou mais cômodos (44,1% contra 18,9% na amostra) e três ou mais banheiros (45,3% contra 11,1% na amostra). São também mais equipados, pois a grande maioria (94,3%) tem um automóvel e um computador com acesso à internet (88,1%). Encontramos aqui a maior proporção relativa de domicílios com 10 salários mínimos ou mais de renda *per capita* total (32,5% contra 7,8% na amostra) e também de domicílios em que um ou mais moradores têm rendimentos regulares auferidos de investimentos financeiros. Há uma proporção relativamente elevada de brancos, com elevada escolaridade (a formação em administração, direito ou engenharia é bastante comum entre as pessoas de referência do domicílio). Há uma maior presença relativa de idosos, e de casais com, no máximo, dois filhos. Tais domicílios estão concentrados em distritos do centro expandido, como Alto de Pinheiros (9%), Barra Funda (6,7%), Campo Belo (6,7%), Jardim Paulista (6,1%), Moema (8,5%), Morumbi (9,1%), Perdizes (6,7%), Pinheiros (6,5%), Santo Amaro (7,6%). O distrito de Tatuapé, embora mais afastado do centro, também possui uma proporção relativamente elevada desse tipo de domicílio, 7,4%;

- ii) O **nono tipo**, que corresponde a aproximadamente 5,5% da amostra, é caracterizado por um tipo bastante específico de pertencimento de classe: inclui domicílios chefiados por quadros superiores, com elevada escolaridade (quase 70% têm ensino superior, sendo que, entre estes, 25,5% têm pós-graduação) e alta renda domiciliar *per capita* (pouco mais 28% dos domicílios têm renda acima de 10 salários mínimos). Os domicílios são, em sua maioria, apartamentos próprios (61%), com 3 banheiros ou mais (28,7%) e 3 cômodos ou mais (31,7%). Ainda que elevados, essas proporções são menores do que no tipo anterior. Há também uma proporção elevada de domicílios em que algum morador recebe rendimentos derivados de aplicações financeiras (20,5%). Há computador com acesso à internet e automóvel próprio em quase 90% dos domicílios. A pessoa responsável e o cônjuge são, como no anterior, predominantemente brancos, não migrantes. Há também uma proporção maior do que a média, aqui, de domicílios formados por casais sem filhos ou com, no máximo, dois filhos. Os distritos onde estes domicílios estão mais comumente localizados são similares aos descritos no item anterior: Alto de Pinheiros (11,5%), Campo Belo (11%), Itaim Bibi (12,8%), Jardim Paulista (8,3%), Moema (13%), Morumbi (9,9%), Perdizes (11,7%), Pinheiros (10,5%), Santo Amaro (12,3%), com o acréscimo dos distritos da Mooca (9,6%) e Lapa (8,9%).;
- iii) Por fim, o **décimo tipo** é mais comum na estrutura socioespacial da cidade, representando mais de 17% dos domicílios. São chefiados geralmente por profissionais, brancos, frequentemente não migrantes e que possuem o melhor perfil de escolaridade: em quase 90% dos domicílios, a escolaridade máxima alcança o ensino superior, sendo que, em quase 30%, a pessoa de referência

e/ou o(a) cônjuge tem pós-graduação. A renda domiciliar é também elevada, como nos dois tipos anteriores, mas um pouco menor se comparada a eles: aqui, 24% dos domicílios têm renda de 10 ou mais salários mínimos e 32,5%, entre 5 a 10 salários mínimos *per capita*. Em mais de 90% dos domicílios, há um computador com acesso à internet (maior proporção na amostra) e, em 88%, um automóvel de uso particular. Os domicílios são, como nos tipos anteriores, predominantemente apartamentos (64,5%) próprios, com três banheiros ou mais (28,6%) e três ou mais cômodos (30%). Ainda, de forma similar ao que vimos antes, há uma proporção relativamente elevada de famílias unipessoais ou de casais sem filhos (23%). Os distritos onde se encontram as maiores proporções desse tipo de domicílio – estão localizados, em sua maioria, na região centro-oeste ou centro-sul – são, na ordem: Jardim Paulista (61%), Moema (54,9%), Vila Mariana (54,8%), Pinheiros (52%), Itaim Bibi (51,8%), Consolação (50,7%), Perdizes (49,5%), Saúde (48,1%), Campo Belo (44,7%), Morumbi (43,8%), Santo Amaro (42,1%), Butantã (41,7%), Bela Vista (39,7%), Lapa (39,2%), Santa Cecília (37,8%), Santana (37%) etc. É importante destacar aqui o peso desse tipo de domicílio na “estrutura social” de distritos que estão fora da região central, como Liberdade (36,4%), Mooca (30,5%), Tatuapé (35,7%), Santana, Saúde etc.

Embora alguns distritos se destaquem pela presença relativamente alta dos três tipos de domicílios da chamada “zona privilegiada” (como Moema, Alto de Pinheiros), em outros, o peso de um desses tipos é maior, como no caso do distrito do Morumbi (com a mais elevada proporção dos domicílios da fração proprietária), ou Consolação ou Bela Vista (com um peso maior para os domicílios de profissionais). Alguns distritos centrais

são muito heterogêneos, como Bela Vista e Santa Cecília; outros, mais homogêneos, como Moema e Jardim Paulista.

Algumas hipóteses para explicar essa estrutura de distribuição espacial das diferentes frações das classes superiores e médias nos distritos do centro expandido (e suas adjacências) têm a ver com os padrões de ocupação e consolidação dos bairros aí localizados (alguns têm uma ocupação mais antiga; outros, mais recente; alguns estão passando ou já passaram por processos de “gentrificação”; outros, ao invés, por um “abandono” das frações superiores) e também com os padrões de mobilidade social, que são diferentes para as diferentes frações de classe consideradas. É possível, por exemplo, que as famílias de profissionais, para as quais a reprodução social depende fortemente da reconversão do capital cultural acumulado em capital escolar, escolham o lugar onde vão morar em função das condições da oferta escolar, preferindo as localidades onde existam escolas de “alto nível”. Essas são hipóteses que pretendemos investigar com nossa pesquisa e que supõem também o aprofundamento dos estudos da evolução sociodemográfica da cidade de São Paulo.

3. Discussão dos resultados principais

Aqui, gostaríamos de destacar alguns resultados principais:

- i) A construção do espaço social revelou uma grande heterogeneidade nas classes populares, com frações mais estabelecidas e mais vulneráveis, e tal heterogeneidade se reflete na distribuição socioespacial: as frações mais estabelecidas (em geral, composta por famílias chefiadas por trabalhadores manuais qualificados, com escolaridade média e renda total entre 3 e 5 salários mínimos) se concentram em regiões periféricas mais próximas ao

centro, como os distritos de Itaquera, Cangaíba, Pedreira, Freguesia do Ó, Rio Pequeno, Sacomã, Cursino, Jabaquara. As frações mais vulneráveis (famílias chefiadas por trabalhadores manuais menos qualificadas, com níveis baixos de escolaridade e renda, vivendo em casas cedidas ou alugadas com muitos moradores e pouco equipadas) concentram-se nas franjas mais periféricas das regiões norte (Brasilândia e Perus), sul (Capão Redondo, Jardim Ângela, Parelheiros e Marsilac) e leste (Jardim Helena, Cidade Tiradentes);

- ii) O espaço das classes superiores também é relativamente heterogêneo, ainda que em menor medida: há uma oposição entre profissionais, de um lado, e quadros superiores e proprietários (médios empresários) do outro, e tal diferenciação se expressa, mesmo que imperfeitamente, na distribuição socioespacial das famílias. As classes superiores concentram-se no centro expandido e regiões próximas, mas há particularidades quando observamos cada uma dessas frações separadamente: as famílias chefiadas por pequenos ou médios empregadores estão localizadas nas porções mais ao sul (Moema, Campo Belo, Santo Amaro) e ao leste (Tatuapé) do centro expandido; há um padrão similar que caracteriza a distribuição das famílias dos quadros superiores, com o acréscimo de uma região ao leste, embora também próxima ao centro (Mooca) e ao noroeste (Lapa); o núcleo do centro expandido da cidade (Consolação, Bela Vista, Jardim Paulista, Perdizes) é ocupado, predominantemente, por profissionais;
- iii) A partir desta análise preliminar, as periferias parecem, de fato, mais heterogêneas que o centro: nelas, coabitam famílias pertencentes às frações mais estabelecidas e vulneráveis das classes populares, das classes médias e

mesmo superiores (trabalhadores não-manuais de rotina com maior qualificação, técnicos, profissionais, pequenos empregadores). A ausência de informações sobre mobilidade social nos impediu de avançar aqui em um ponto teoricamente relevante: qual é a relação entre trajetória social ascendente e mobilidade socioespacial? É possível que o padrão de mobilidade ascendente no Brasil – predominantemente de curta distância – se expresse em um tipo de mobilidade espacial também de curta distância, ou seja, as famílias ascendentes de meios populares, quando se mudam, passam a residir em regiões mais consolidadas da “periferia”? Poderíamos fazer a questão de outra: qual é o peso da mobilidade socioespacial nas estratégias de ascensão social das famílias?

- iv) Ainda que também tenhamos que avançar neste ponto, notamos que há uma certa correspondência na distribuição espacial de bens, agentes e suas propriedades, no sentido de que os bens e propriedades mais raros tendem a se localizar em regiões próximas do espaço físico em oposição aos bens e propriedades comuns, que se localizam em regiões relativamente mais distantes: por exemplo, as chamadas “escolas de elite” ou os restaurantes de alta gastronomia estão localizados na região do centro expandido, onde também se concentram os principais equipamentos públicos e privados de cultura. É importante avançarmos na investigação desse “efeito de lugar” nas práticas dos agentes.

Anexo A

Tabela 2 – Frequência relativa e contribuições das modalidades das variáveis ativas nos quatro primeiros eixos:

Quantidade de cômodos servindo de dormitório no domicílio					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
1 cômodo	37,4	2,4	5,2	11,8	0,3
2 cômodos	44,1	0,0	4,0	1,4	5,3
3 ou mais cômodos	18,5	4,2	0,0	8,6	8,0
Quantidade de banheiros de uso exclusivo no domicílio					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
até 1 banheiro	65,9	3,9	0,0	2,6	0,1
2 banheiros	23,3	2,5	3,4	4,8	3,2
3 ou mais banheiros	10,8	6,9	4,9	0,7	11,4
Renda domiciliar total per capita em faixas de salários mínimos					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
até 1/2 sm	17,3	2,6	4,5	4,0	2,4
1/2 a 1 sm	20,7	2,9	0,1	0,7	0,5
1 a 2 sm	25,6	1,0	3,3	0,2	3,2
2 a 3 sm	11,1	0,1	4,2	0,1	0,0
3 a 5 sm	10,1	1,5	1,7	0,0	4,4
5 a 10 sm	9,0	4,0	0,8	0,8	4,6
10 sm ou mais	6,2	5,1	12,1	1,3	4,2
Possui automóvel de uso particular no domicílio					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
auto-	46,7	7,2	1,8	0,3	0,0
auto+	53,3	5,4	1,4	0,2	0,0

Possui computador com acesso à internet no domicílio					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
não tem internet	46,5	7,2	1,7	0,1	0,1
tem internet	53,5	5,1	1,2	0,1	0,0
Escolaridade máxima no domicílio (pessoa de referência e/ou cônjuge)					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
Sem instrução e fundamental incompleto	31,3	3,5	4,2	9,9	1,6
Fundamental completo e médio incompleto	17,0	1,4	0,1	0,2	1,7
Médio completo e superior incompleto	28,4	0,3	9,3	3,0	4,6
Superior completo	16,8	6,1	0,0	0,8	5,8
Pós-graduação	6,6	4,5	7,3	1,5	0,1
Situação do domicílio					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
próprio	70,5	0,9	0,3	6,2	0,0
alugado	23,1	1,2	0,6	16,6	0,0
cedido	6,4	0,8	0,1	0,0	0,1
Algum morador é beneficiário de política de transferência de renda?					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
transf_rend-	92,9	0,0	0,1	0,3	0,1
transf_rend+	7,1	0,4	0,9	4,0	0,7
Algum morador recebe rendimentos provenientes de aplicações financeiras?					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
juros-	85,7	0,4	0,4	0,0	0,1
juros+	14,3	2,7	3,4	0,2	1,0
Posição de classe do domicílio					
Nome da categoria	%	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3	Eixo 4
empregador	3,1	1,6	1,1	0,7	15,9

quadros superiores	5,5	2,0	1,0	0,2	0,2
quadros médios - supervisores	3,4	0,1	0,9	0,0	0,0
profissionais	17	5,8	3,0	3,3	12,4
técnicos	5,2	0,1	2,4	1,1	0,7
não manuais de rotina	11,8	0,2	4,1	5,4	2,3
manuais qualificados	25,8	2,3	0,6	0,2	2,8
manuais não qualificados	13	3,3	7,0	3,3	2,1
conta própria urbano formal	4,5	0,1	2,5	2,1	0,1
conta-própria urbano informal	10,6	0,4	0,2	3,4	0,0

Anexo B - Imagens do georreferenciamento dos tipos de domicílios.

Figura 4 – Distribuição espacial do primeiro tipo de domicílio em São Paulo:²⁴

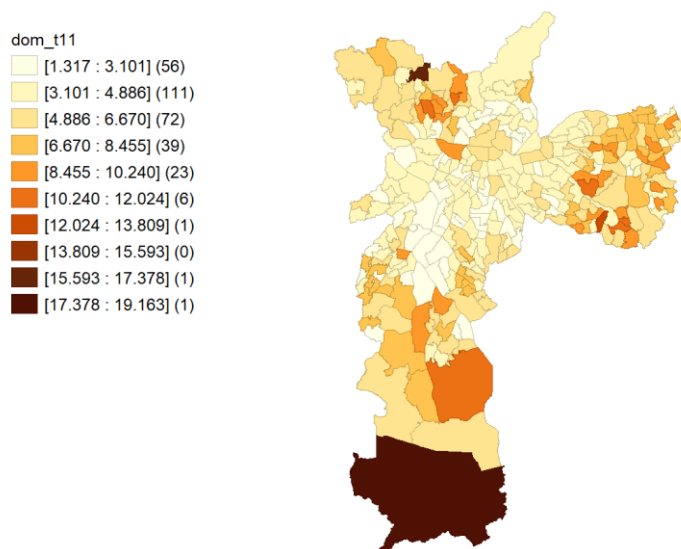


Figura 5 – Distribuição espacial do segundo tipo de domicílio em São Paulo:

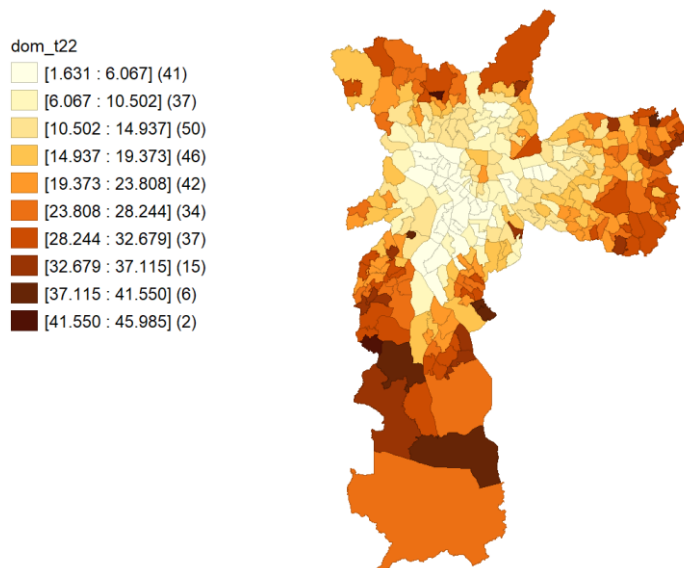


Figura 6 – Distribuição espacial do terceiro tipo de domicílio em São Paulo:

²⁴ Em todas as imagens apresentadas a seguir, as nuances de cores indicam a concentração relativa de algum tipo de domicílio em determinada área de ponderação (resultante da agregação de dois ou mais setores censitários): quanto mais forte a presença de um tipo de domicílio em uma área, mais escuro se torna o tom da cor que preenche essa área. Por exemplo, o primeiro tipo de domicílio corresponde a pouco mais de 5% do total. Na área de ponderação corresponde ao distrito de Marsilac, tal proporção é bem superior ao encontrado na amostra. Por isso, essa região no mapa é exibida em uma tonalidade mais escura.

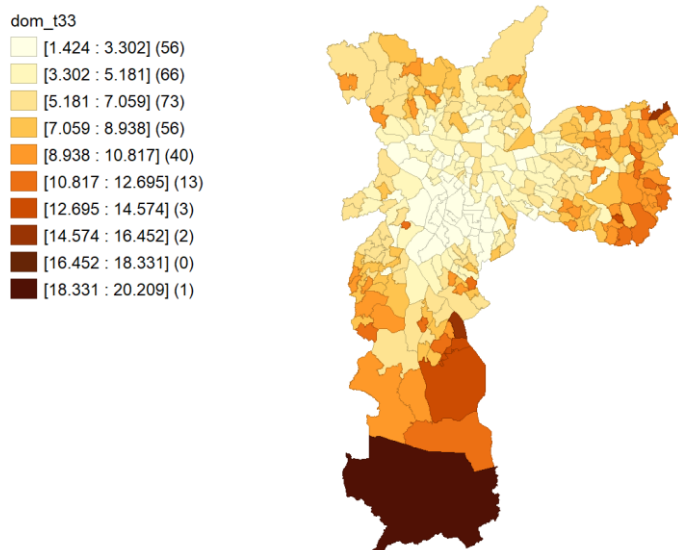


Figura 7 – Distribuição espacial do quarto tipo de domicílio em São Paulo:

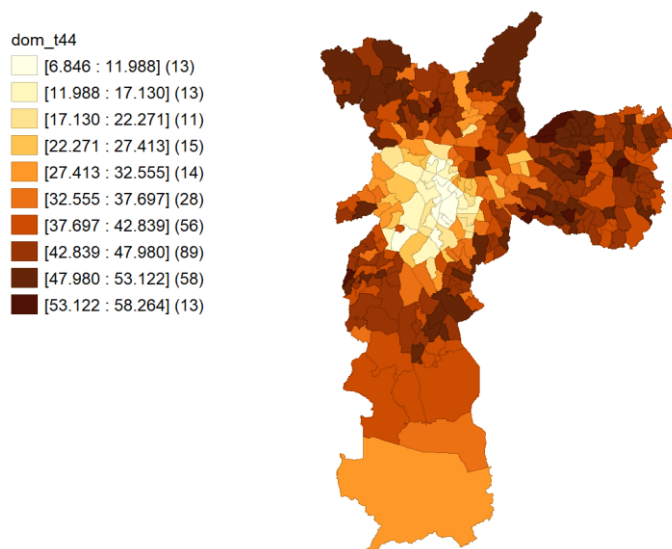


Figura 8 – Distribuição espacial do quinto tipo de domicílio em São Paulo:

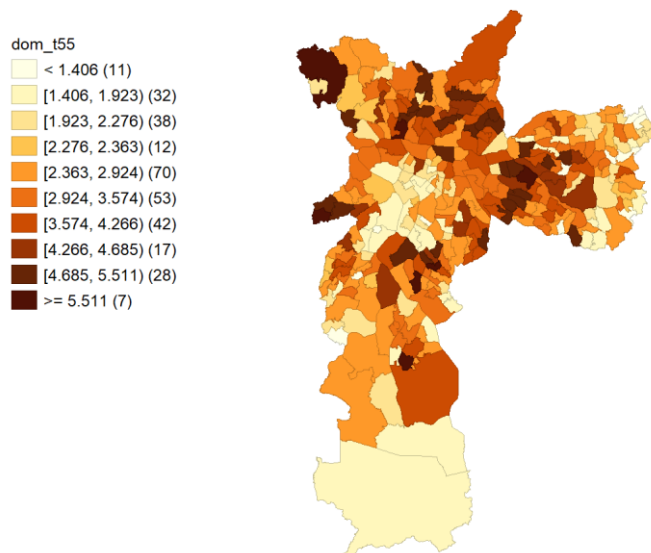


Figura 9 – Distribuição espacial do sexto tipo de domicílio em São Paulo:

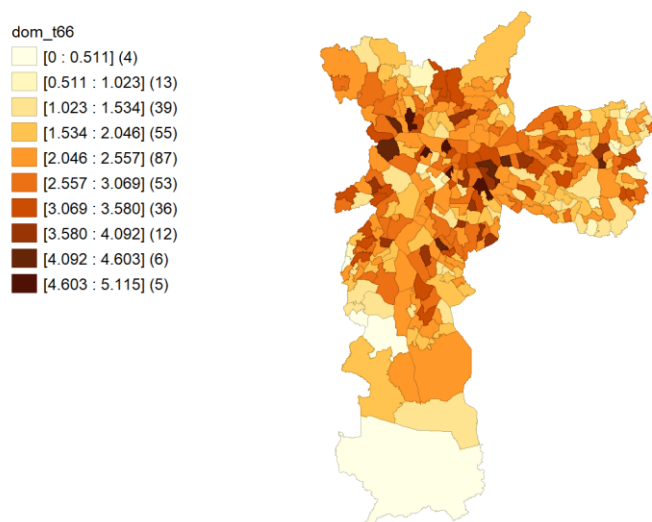


Figura 10 – Distribuição espacial do sétimo tipo de domicílio em São Paulo:

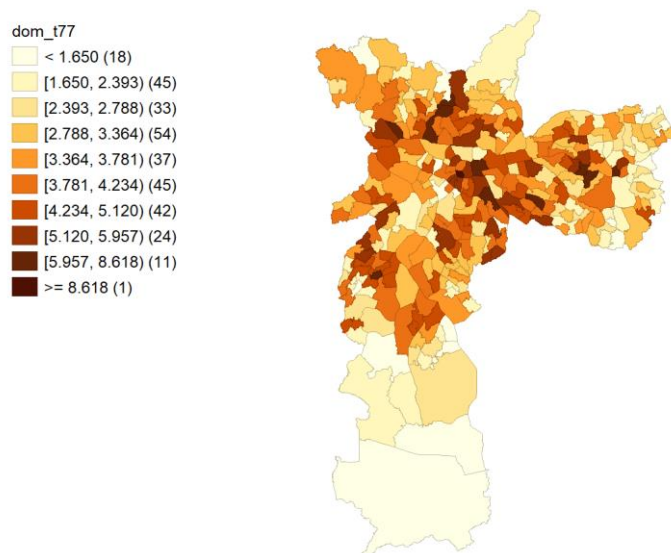


Figura 11 – Distribuição espacial do oitavo tipo de domicílio em São Paulo:

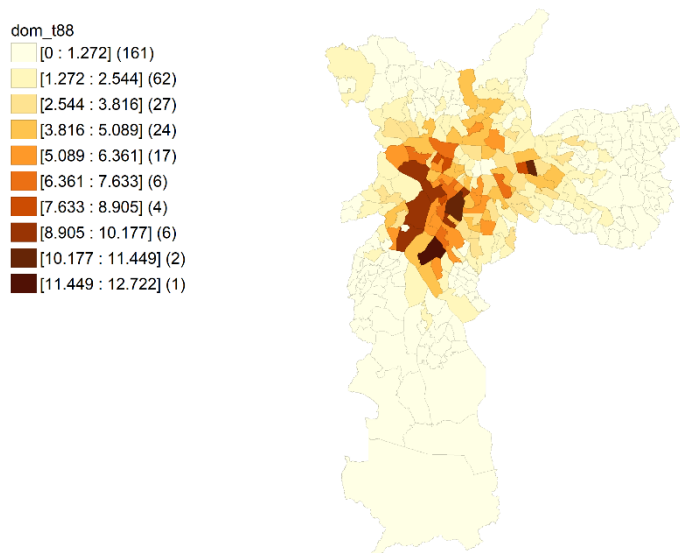


Figura 12 – Distribuição espacial do nono tipo de domicílio em São Paulo:

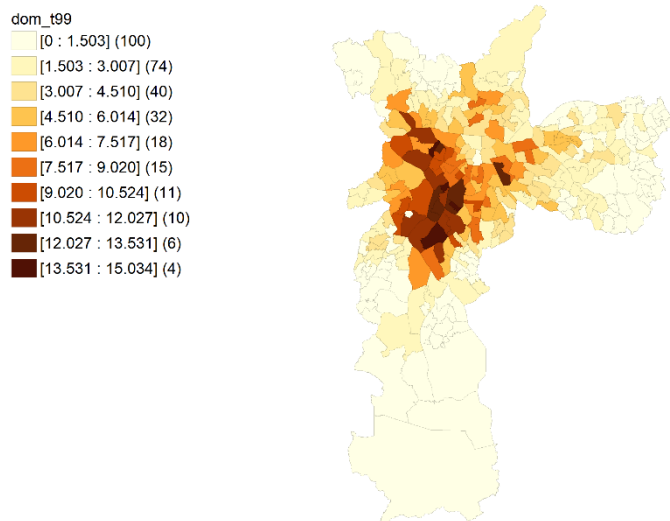


Figura 13 – Distribuição espacial do décimo tipo de domicílio em São Paulo:

